

Dossiê Educação

A educação como um meio transformador da consciência histórica

Jaqueline Kotlinski¹

Universidade do Centro-Oeste do Paraná

Bruno César Pereira²

Universidade do Centro-Oeste do Paraná

Resumo

Os problemas enfrentados pelo ensino de História geram um grande debate na academia sobre as mais variadas formas de ensino, sendo assim o presente trabalho busca analisar um espaço que aos poucos foi intitulado de museu pela população, e que também pode ser caracterizado como um espaço educacional não formal. O museu a ser estudado é de cunho privado, pertencente a um neto de escravo liberto, localizado na cidade de Guarapuava-PR. O Espaço contém uma grande quantidade de objetos e documentos que chegaram até ele por doações e até mesmo por herança de sua família. Utilizando de entrevistas, fotografias e demais documentos, buscamos compreender a importância desse espaço para o ensino e como ela contribui para a educação das relações Étnico-raciais que com a lei 10639/2003, se tornou obrigatório nas escolas, o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira.

Palavras-chave: Educação; museu; relações étnico-raciais.

Introdução

Por muito tempo houve apenas uma história ensinada pelo viés europeu e tendo como único protagonista o mesmo. Grande parte dos povos como, a historiadora francesa Michelle Perrot (1988) salientou eram “Os excluídos da história”, entre estes excluídos destacamos, as mulheres, indígenas, trabalhadores e os negros, que eram considerados povos sem história, excluídos de diversas formas. Entre esses excluídos, o presente texto dá destaque a história dos negros.

A história destes nos remete a clássica frase do filósofo Hegel, ao propor que não somente os negros, mas a África como um todo, era um lugar desprovido de história, pelo fato

¹ Graduanda em História pela Universidade do Centro-Oeste do Paraná, Campus Irati, participa na categoria pesquisadora no Núcleo de Estudos Étnico-Raciais – NEER e Núcleo de Estudos de História da Violência – NUHVI, atualmente é bolsista pelo programa de Iniciação Científica financiada pela Fundação Araucária. Jaqukotlinski2015@gmail.com.

² Graduando em História pela Universidade do Centro-Oeste do Paraná, Campus Irati, participa na categoria pesquisador no Núcleo de Estudos de História da Violência – NUHVI e projetos de extensão coordenados pelo Centro de Documentação e Memória de Irati – CEDOC/I. bruno_o8cesar@outlook.com.

de entre a grande maioria dos povos africanos não possuem um sistema de escrita até então. Esta visão da história a partir da escrita é uma concepção clássica, diretamente ligada as visões da historiografia tradicional dos séculos XIX e início do XX; tal concepção mudaria apenas com a adoção de novas fontes para se compreender a história, como fontes arqueológicas e, em especial, a oralidade, que atualmente possui grande destaque na historiografia (SOUZA, 2006).

Se nos perguntarmos qual ideia povoa a memória quando falamos de negro, africano, afro-brasileiro dificilmente nos virá uma lembrança das contribuições dos negros na formação do Brasil e muito menos saberemos sobre sua história, cotidiano, crenças e costumes que formam sua identidade. Identidade que muitas vezes é alvo de preconceito, racismo e até intolerância por escolhas religiosas que por falta de conhecimento são motivos de chacota e malditos em roda de conversa.³

Sabemos que a educação caminha para uma mudança dos estereótipos construídos historicamente referente a figura do negro, porém isso é um processo lento e árduo de integração desses grupos nos âmbitos sociais. O Estado por muito tempo foi agente principal no reforço da ideia racista e preconceituosa de hierarquia social estabelecida pelo critério de raça do século XIX de acordo com Ana Maria Rufino Gillies (2017). Hoje políticas públicas e projetos de reparação de toda essa exclusão vem fazendo parte do papel do Estado. Uma dessas medidas pode ser observada com a lei 10639/2003 retirada das diretrizes curriculares (BRASIL, 2013, p. 477), que fez com que o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira tenha se tornado obrigatório no meio educacional.⁴ Segundo as diretrizes, isso tornou-se possível também através de

[...] reivindicações e propostas do Movimento Negro ao longo do século XX, apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a de educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem conduzir. (BRASIL, 2013, p.477)

³ Desde os movimentos de construção da identidade nacional brasileira, em especial os movimentos da segunda metade do século XIX, encabeçados pela literatura indianista e a pintura dita histórica, de literatos e pintores como José de Alencar e Victor Meireles, se negou a influência do negro na composição social brasileira, marginalizando e excluído está figura tão marcante em nossa sociedade, se construiu uma imagem, ou melhor se negou a este o protagonismo do negro como parte da sociedade brasileira. Ver melhor em: PEREIRA; GILLIES, 2016.

⁴ A respectiva lei aqui citada estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Básica.

Sendo assim, buscamos no decorrer do seguinte texto, compreender como nosso objeto de pesquisa, “o museu do seu Tuto”, localizado em Guarapuava-PR, sendo de caráter privado, pertencente a um descendente de escravo torna-se um espaço considerado de educação não formal, o qual pode ser visto como um *lugar de memória* que contribui para esse objetivo das diretrizes curriculares auxiliando na prática da lei 10639/2003. (BRASIL, 2013, p.477)

Utilizaremos como fonte o seu acervo tanto de objetos diversos, como recortes de jornais, fotografias, entre outros documentos e utilizaremos também das entrevistas orais. Consideramos neste trabalho as entrevistas como algo maior do que a narrativa de determinados acontecimentos, mas como um discurso que nos possibilita analisar um pouco sua trajetória de vida, cultura, e sua própria identidade a partir dos resquícios de sua memória.

Educação não formal

Quando pensamos em educação, nos vem a memória a escola, no entanto o ensino vem mostrando novas metodologias e perspectivas a respeito da educação. Muitas são as críticas aos professores tradicionais que consideram-se portadores e reprodutores do conhecimento, porém o que por muito tempo ficou em quatro paredes no modelo de uma aula tradicional expositiva vem se modificando para a própria melhoria do ensino no contexto brasileiro.

Formar não é tão simples, como educadores devemos entender que a educação não é apenas sala de aula ou escola, e sim a educação reflete e se realiza no mundo externo. Todos os espaços se complementam para o ensino, por isso temos três tipos de educação: a formal, a informal e a não-formal, onde a última destas modalidades é um dos focos do presente texto.

A autora Maria da Gloria Gohan (2014) nos ajuda a explicar a diferença entre os três modelos de educação. Como a autora propõem, educação formal é aquela educação planejada para ser “aplicada” em sala de aula. Já a educação informal é construída com base nas relações sociais de cada sujeito, é tudo aquilo que ele aprende na família, com os amigos, nos lugares externos a escola, são todas as informações depositadas no indivíduo, que sendo influenciado por sua cultura e percepção própria de vida constrói o conhecimento dito informal, pois se dá a partir das relações de convívio social. Por fim, a educação não formal se dá pela intencionalidade do indivíduo ir até determinados lugares, tomando certos

procedimentos para a realização de tal. A educação não-formal se dá em espaços como museus, projetos de extensão, movimentos sociais, entre outros.

Essa forma de educação não-formal parte da ideia de que o conhecimento é construído coletivamente sem um agente principal, e sem conteúdos para ser seguidos rigidamente. Tudo o que for construído dependerá do contexto local dos indivíduos, problemas que estão em seu cotidiano e que irão influenciar as ações do grupo.

Museus: sua importância para a educação

Quando falamos de educação não-formal podemos abordar uma infinidade de espaços; para o presente texto daremos destaque aos museus. Esses espaços que estão cada vez mais sendo utilizados na prática docente, mas muitas vezes apenas como uma ilustração das aulas de História como constata a especialista Elaine Hirata (1985) do museu de arqueologia e a etnologia da Universidade de São Paulo – USP, precisam de uma atenção maior.

Acredita-se que nesse modelo educativo que lhe é atribuído – uma concepção tradicional – o museu não possui seu papel real educacional. Nessa metodologia pedagógica apenas ilustrativa e sem a transformação dos seus objetos em fonte histórica a aprendizagem dos alunos limita-se a legendas, reproduções do conhecimento aprendido em sala, e também do que os contam sobre as peças (HIRATA, 1985).

Os museus são fontes nas quais os alunos podem aumentar suas percepções imagéticas, entender que tudo o que está ali são objetos de uma cultura, fazem parte e contêm por si só, uma história e um modo de vida e ainda mais como complementa e nos auxilia nessa discussão Circe Bitencourt, os professores devem refletir sobre o que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social (BITTENCOURT, 2008).

Os alunos precisam ser incentivados a ver esse espaço supracitado e seus objetos não apenas como algo curioso, diferente, mas que façam indagações sobre o por que esta ali? Quem doou? O que representa? Se representa algo? Que tempo e espaço foi construído? Entre outras problemáticas que se tornam fundamental na construção do conhecimento que faz tornar possível entender o real sentido dos museus serem um espaço educacional que produzem o próprio conhecimento e não apenas como mera ilustração das aulas.

Resgatando a memória a partir da educação não formal

Nosso objeto de pesquisa é considerado como um espaço de educação não formal, mesmo sendo um museu privado ele é aberto ao público, recebendo visitas que precisam ser agendadas. Todas as visitas contam com a possibilidade de análise dos objetos e documentos, e também é possível recorrerem a memória individual do senhor Jozele de Freitas nascido 04/07/1937 atualmente com 80 anos de idade, proprietário e Curador do museu, conhecido na cidade de Guarapuava como senhor Tuto.

Percebemos durante as entrevistas que sua memória dá ênfase em certos acontecimentos o que possivelmente nos faz acreditar que para ele teve uma maior relevância, levamos em consideração também as lacunas de sua memória devido ao tempo vivido e por consideramos que a memória é, de fato, uma seleção de vivências.

Apesar de tantas críticas sobre a veracidade da fonte oral ela se fortaleceu e contribuiu para que mudasse a forma de definir a história. Uma das críticas que se empregavam sobre a oralidade é devido ao grau de fidelidade e integridade do material. Apesar de tudo isso a tradição oral tornou-se autêntica e onipresente, variando de acordo com os tipos de organização social. (KI-ZERBO, 1980).

Uma explicação para a validade da oralidade, é proposta por Hampaté que explica “Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra.” (HAMPATÉ, 1980 *In* KI-ZERBO, 1980, p. 169). Sendo assim, mesmo os documentos escritos passam antes pela oralidade, portanto nenhuma fonte torna-se totalmente confiável.

A importância da tradição oral vem desde os primórdios da humanidade, com relatos de experiências, narrativas de vida, e hoje é uma fonte muito importante para as mais diversas pesquisas, que buscam através de entrevistas ou relatos a interpretação de uma cultura, costumes ou crenças. A fonte oral permitiu que os sem voz da história se sentissem também pertencentes a um lugar, como importantes sujeitos históricos para formação de uma sociedade. (PERROT, 1988)

Destacamos que, a história por muito tempo abandonou sua busca por uma verdade; compreendemos que as fontes, sejam elas as orais, escritas, arqueológicas, etc; não nos trazem a verdade e sim discursos, representações, vivências, entre outras inúmeras características de determinada sociedade. Em especial o presente trabalho, não busca atestar uma veracidade

nas falas deste senhor, e sim compreender por meio de seu discurso, o que sua memória nos apresenta, as suas representações e seu imaginário.

Entre conversas e obras de arte

Em um primeiro momento da entrevista pedimos que ele, o Sr. Tuto, nos relatasse de onde surgiu o interesse em ser uma espécie de memorialista ou guardião da cultura de suas raízes, por fazer esse resgate cultural do passado.

Muitos anos desde criança eu gostei de preservar as coisas escutando a história do meu pai no inverno grande, aqui em Guarapuava, então nós tinha uma cozinha de chão batido e os banquinhos, eramos em cinco. Quatro, mulher e eu, meu pai contava as histórias e a gente veio muito se ligando naquela história que até dia de hoje eu não esqueço e fico até emocionado pelo que ele me ensinou.....(silêncio breve) devo a ele e se tô aqui e sou uma pessoa conhecida dentro de Guarapuava e respeitado é devido ele, dos ensinamentos que eu trouxe da minha casa” (Freitas, 2017).⁵

Essa vontade de preservação dos objetos, recortes de jornais, ofícios, fotografias entre outros faz com que Sr. Tuto seja um resgatador da cultura afro, tornando assim seu museu um *lugar de memória*. Os lugares de memória são, antes de tudo, segundo o historiador francês Pierre Nora.

São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12-13).

Esse espaço que é uma representação da história afro, e que foi legitimado pela população como um museu, pode servir para os alunos como um exemplo da resistência da história africana, afro-brasileira, que por muito tempo foi esquecida e deixada para trás. Os alunos, ou quem for até lá, tem a oportunidade de ouvir diretamente de um afro-brasileiro o orgulho de sua identidade, assim como o senhor Jozeel mesmo nos disse: “Se quiserem me chama de negro pra mim tanto faz, eu sou ,eu sou, como é um alemão como é um italiano né.” (Freitas, 2017)

⁵ As entrevistas mantiveram a redação de acordo com a fala do entrevistado.

As peças do museu muitas são de doações, algumas de seu pai e também muitas peças feitas por ele mesmo, máscaras africanas, guerreiros, tudo esculpido a mão na madeira. E perguntando sobre qual era sua inspiração ele nos disse: “Eu puxo muito pelas minhas raízes pode vê que todo meu trabalho puxa muito pra África. Então eu acho que eu desenvolvo um trabalho afro brasileiro trazendo lá das raízes.” (Freitas, 2017)

Em todo discurso do senhor Jozoel de Freitas, vulgo senhor Tuto, percebemos o orgulho quando fala de suas raízes, em contrapartida nos faz refletir que muitas vezes as raízes, as culturas africanas aqui no Brasil são ocultas pelos próprios descendentes afro-brasileiros, pois cresceram em uma sociedade onde o preconceito, segregação, piadas e estereótipos sobre os negros é recorrente. Crescem acreditando que realmente existe um grupo uma moda, uma cultura “superior” que a outra, motivos como esses ressaltam a importância de trabalhos que confrontem ideias estereotipadas em relação a identidade africana ou afro-brasileira.

A relação do seu Tuto com a preservação, como ele nos relatou, inicia desde a infância. No decorrer de sua vida pública, mais ou menos em 1977, começou a trabalhar no museu “Visconde de Guarapuava” no qual pode aprender as táticas e estratégias de organização das peças e do espaço. Nas entrevistas não conseguimos os dados de quando foi a fundação do museu, mas sabemos que em 1977 seu Jozoel já fazia uma parcela das esculturas que hoje fazem parte de suas obras. Segundo ele: “Eu sempre gostei de criar novidade que eu achava que era preciso para Guarapuava” (Freitas, 2017)

De fato, todo o interesse do seu Tuto em guardar objetos antigos, recortes de jornais sobre vários acontecimentos de Guarapuava, ofícios, fotografias, entre outros documentos que ressaltam principalmente suas ações como figura pública, sendo um benfeitor para a cidade, sempre contribuindo para construção de projetos culturais como: escola de samba, fanfarra, rodas de música; danças; teatros, dentro do Clube Rio Branco.⁶ Entre outras ações que ficam evidenciadas em seus arquivos o que fez com que pudéssemos perceber como esse espaço se faz importante para a cidade de Guarapuava e para todos que desenvolvem estudos ou apenas pretendem conhecer e aprender um pouco mais sobre as raízes afro que se faz possível através de todas as obras, acervos e também através da memória do seu Tuto. .

⁶ O clube social supracitado, atualmente, possui grande destaque nos acervos do Sr. Jozoel, tal clube fundado em 1919, por seu pai Bento José da Silva, entre suas inúmeras características, se destinava ao público negro da cidade de Guarapuava, tanto Sr. Tuto, quanto seu pai, foram presidentes deste clube, que atualmente se encontra desativado e o seu acervo fotos, objetos e fantasias – dos bailes de carnaval – se encontram no museu.

Recorrente seu Jozeol recebe convites para palestras e exposições em escolas e até universidades.⁷ Hoje todas as peças ligadas a cultura afro-brasileira que ele recebe doação são arquivadas e organizadas no museu para visitação. Ao perguntarmos sobre peças que não haviam sido feitas por ele, tivemos a seguinte resposta: “Doações que me fazem eu inclusive peço, peço porque eu trabalho com as escolas então esse é meu jeito de chegar nas pessoas, então elas me dão, tem alguma peça do meu pai antiga tem, tem 4,5,10 peças que eu peguei e guardei”. (Freitas, 2017)

A educação possibilitada neste espaço foge do que muitas vezes é feito nas escolas que é apenas realização de atividades folclóricas para cumprir a lei do ensino da História e da cultura africana e afro-brasileira. Sendo assim justifica-se o sentimento do seu Tuto em considerar gratificante poder receber os alunos e as pessoas que se interessam pelo seu trabalho.

Tomar apenas o que é folclórico e aparentemente festivo como traço definidor do caráter cultural da afro-brasilidades não contribui para extinguir preconceitos em relação aos negros, nem em relação aos brasileiros em geral. Pelo contrario reforça a ideia de que o Brasil não é um país serio quando musicas, danças, contos, mitos, lendas etc. não são relacionados aos significados históricos e simbólicos que elas põe em cena. (GILLIES, 2017, p. 130)

Espaços como esses permitem que toda ideia errônea e preconceituoso sobre o negro seja extirpado e faz com que seja possível o conhecimento sobre a importância da África para nossa sociedade. “E hoje eu me pergunto, não gostam do negro? Mais meu Deus se esse o Brasil está hoje nessa altura lá no começo foi a minha gente que começo que trabaio que planto que modernizo aquilo que eles trouxeram lá da África os conhecimento.” (Freitas, 2017)

Todos os documentos por nós manuseados possibilitaram nosso trabalho de reflexão sobre como o museu do seu Tuto sendo um espaço de educação não-formal contribui para o ensino das relações étnico-raciais contribuindo para a construção de várias reflexões criticas sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, promovendo também através da história oral ressignificações no qual podemos fazer varias analises sobre o passado.

⁷ Ao longo do mês de novembro, em comemoração ao mês da Consciência Negra, por convite da Divisão de Promoção Cultural – DIPROC, da Universidade do Centro-Oeste do Paraná, Campus Irati, coordenado pela Professora Dra. Alexandra Lourenço, foi organizada nesta instituição um exposição de fotos das principais obras do Museu do Sr. Tuto, além de tal exposição ocorreu uma fala do curador do museu para a comunidade acadêmica e comunidade externa sobre o museu e sua importância.

Entre a documentação analisada por nós, presentes entre o acervo do museu, pudemos perceber a partir da Ata de Presença, como as escolas utilizam deste museu, um local para o ensino, e que mesmo não sendo um lugar conhecido nas regiões de Guarapuava cada vez mais abrange um grande número de escolas e universidades interessadas em sua história.

Entre as inúmeras imagens guardadas entre os álbuns do museu, podemos observar as fotos realizadas aos longos dos dias de visitas pelas escolas. Pode-se perceber nestas fotografias que além dos alunos o museu conta com a visita de professores que também se interessam pela temática.

Seu Jozoel recebe muitos convites para palestras e exposições tanto em creches, escolas e universidades especialmente no mês da consciência negra. Essas instituições recorrem a ele por ser uma pessoa totalmente aberta e que ama poder participar de eventos que resgatem as memórias de suas raízes, podendo divulgar para um maior número de pessoas seu trabalho e suas memórias.

O senhor Tuto sabe a importância do seu trabalho para os alunos. Continuando a entrevista ele nos explicou que:

Trabalha com acervo isso eu sempre gostei, trabalha com escultura a qual faço esse trabalho de madeira, tudo em minha mão, eu trouxe lá de casa, lá do meu passado e gostei sempre de preservar junta, materiais que não vai servir pra mim e sim para os estudantes o qual tenho muito servido na escola da cidade, município, faculdade, universidade. Todo esse material é muito rico pra eles que são estudantes. (FREITAS, 2017)

Considerações Finais

No decorrer do presente trabalho utilizamos tanto de uma análise qualitativa como quantitativa, nas quais pudemos compreender como esse espaço de educação não formal vem sendo utilizado tanto por alunos (as), professores(as), como pela população guarapuavana em geral, para solidificação de uma memória coletiva que vem sendo construída a partir de todo conjunto que forma o museu do seu “Tuto”.

Toda a desigualdade construída historicamente faz com que hoje pagamos o preço de uma sociedade com uma consciência histórica preconceituosa e excludente, sendo necessário cada vez mais de espaços que discutam e desconstruam percepções estereotipadas referentes a grupos sociais a margem na sociedade.

Concluimos assim que o museu supracitado não torna-se objeto de nosso trabalho por mero acaso, mas pela importância de discussões como esta, que se tornaram recorrentes em nossa contemporaneidade. Espaços e discussões assim, que não deixam morrer a história e as raízes de um povo que fez parte da construção de nosso país e que nem por isso tiveram o mesmo reconhecimento que outros grupos e portanto hoje há ainda a necessidade da atuação da educação para que aos poucos, essas ideias racistas e preconceituosas enraizadas em nossa sociedade sejam excluídas.

Fontes

Entrevistas com **Sr. Jozeel dos Santos – Sr. Tuto**, realizadas ao longo dos meses de junho e julho de 2017 em sua casa/ateliê, Guarapuava-PR, 2017.

Referências

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação, 2013, p. 498-515.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em educação [online]**, n.1, p. 35-50, 2014. Disponível em: https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf. Acesso em: 05/11/2017.

GILLIES, Ana Maria Rufino. O conceito de cultura e o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e indígena . In: GERMINARI, Geysa Dongley; GILLIES, Ana Maria Rufino (orgs.). **Ensino de História e debates contemporâneos**. Guarapuava: Unicentro, 2017, p. 113-136.

HAMPATÉ BÂ, Hamadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ed. Ática, 1980, p.167-207.

HIRATA, Elaine Veloso. Relato de experiências educativas do MAE:1981-1982. **Dédalo**, São Paulo, nº 24, p 11-2, 1985.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez, p. 10-22, 1993.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres, prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª.Ed , 1988.

PEREIRA, Bruno César; GILLIES, Ana Maria Rufino. Literatura, Arte e História no Brasil Imperial: entre a busca da identidade nacional, do cotidiano e do imaginário da sociedade oitocentista brasileira. **Sobre Ontens [online]**, v. 2, 2017, p. 1-17. Disponível em: <http://revistasobreontens.blogspot.com.br/p/edicao-sobre-ontens.html>. Acesso em: 10/11/2017.

SOUZA, Marina Mello e. **A África Têm História**. São Paulo: Departamento de História – FFCLH/USP. Disponível em: <http://200.144.182.150/neinb/files/A%20%C3%81frica%20tem%20hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 05/11/2017.

KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África I**: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ed. Ática, 1980.